"LIBERDADE TEM LIMITE": SENTIDOS DE LIBERDADE EM UM LIVRO DIDÁTICO

Adilson Ventura da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7521-3981
Endereço eletrônico: adilson.ventura@gmail.com

Emille Hilari Santos Simões
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-8314-2749
Endereço eletrônico: emihilari@gmail.com

Maurício Érick Almeida Vieira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-5291-4934
Endereço eletrônico: mauricioerickalmeidavieira@gmail.com

Palavras-chave: semântica do acontecimento; liberdade; livro didático

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a palavra *liberdade* é tomada como portadora de um significado evidente, em decorrência da concepção de que as palavras possuem sentidos transparentes. Nessa perspectiva, sua significação acaba sendo reduzida a uma compreensão limitada, desconsiderando seus diferentes funcionamentos nos acontecimentos enunciativos. À luz dos estudos da Semântica do Acontecimento, teoria proposta por Guimarães (2005, 2009, 2018), a singularidade de *liberdade* se pluraliza em *liberdades* ao ocupar posições distintas em enunciados sociais, políticos, jurídicos e educacionais. Dadas as implicações dessa diversidade de sentidos, torna-se pertinente o estudo de seus funcionamentos, principalmente em materiais didáticos, por configurarem espaços de circulação e legitimação de sentidos essenciais para a formação crítica de estudantes.

METODOLOGIA

As análises deste trabalho fundamentam-se nessa teoria da Semântica do Acontecimento, na qual a constituição do sentido é atribuída no momento da enunciação. Assim, para uma compreensão de como os sentidos da palavra liberdade são mobilizados, é preciso considerar dois mecanismos de relação do texto: o de articulação e o de reescrituração. É por meio desses dois mecanismos que se pode observar a relação com o real, ou seja, a construção histórica do sentido, o que na Semântica do Acontecimento é considerado como "memorável".

Logo, por articulação entende-se como um procedimento pelo qual se observa as relações de determinadas palavras com outras palavras em um enunciado (Silva, 2012) e que pode ocorrer de três modos: por dependência, por coordenação e por incidência. A articulação por dependência é quando a palavra analisada forma um todo com as que estão articuladas. Já a articulação por coordenação coordena dois elementos diferentes que fazem parte de um mesmo conjunto, enquanto a coordenação por incidência constrói sentido sobre outro termo/enunciado.

A reescrituração, conceituado por Guimarães (2009), consiste em redizer o que já foi dito, onde uma palavra reporta-se a uma outra através de algum procedimento que as relacionam no texto integrado pelos enunciados em que elas se apresentam. Pautando em Silva (2012), a reescrituração pode se dar de diversos modos: por repetição, substituição, elipse, condensação e definição.

Para além da articulação e reescrituração, será também considerada a cena enunciativa, visto que, conforme Guimarães (2018), esta se configura por uma divisão de lugares de enunciação. Segundo Silva (2016):

> Assim temos, nessa divisão, o Locutor, que é o lugar que se representa, no próprio dizer, como sendo fonte desse dizer. Ele não é uma figura homogênea. Este Locutor é tomado por um lugar social, ou seja, ele só pode dizer enquanto é predicado por um lugar social, que é chamado de locutor-x. Como um exemplo, se considerarmos que alguém fala algo porque é um linguista, temos locutor-linguista. Porém, para que o Locutor diga algo, há um apagamento de que ele fala por estar em um lugar social. Este apagamento se dá através de uma outra figura presente na cena enunciativa, que é o enunciador, que é o lugar de dizer

Guimarães (2013) divide o enunciador entre: individual, genérico, coletivo e universal.

O individual se apresenta como indivíduo específico, caracterizado por um lugar específico; o genérico é próprio de provérbios e ditados populares; o coletivo é ligado a um lugar, de um conjunto, que o dizer se apresenta como específico; o universal é um dizer para todos que diz de um lugar universal.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para a realização desta pesquisa, foram inicialmente separados quatro livros didáticos de Ensino Médio: Identidade Saraiva: Língua Portuguesa (volumes 1, 2 e 3) e Identidade Saraiva: Redação (Cereja; Vianna; Codenhoto, 2026). Por meio de uma sondagem preliminar no material, o recorte analítico direcionou-se à obra Identidade Saraiva: Redação, que apresentou 31 ocorrências expressivas da palavra-chave da pesquisa. A partir desse levantamento, foram eleitos dois enunciados representativos para a aplicação dos conceitos de articulação, reescrituração e cena enunciativa, visando à compreensão das diferentes mobilizações de sentido da palavra "liberdade". Como primeiro recorte, foi selecionado o texto “Liberdade de Expressão e Fake News” de Marcelo Rodrigues:

Recorte 1

> Aquele que se ancora na liberdade de exprimir-se para produzir ou compartilhar *fake news* que sabe ser enganosa, ofensiva, atentatória e prejudiquem direitos individuais ou coletivos pratica crime, pois expressa-se fora da trincheira do permitido. Este uso indevido e prejudicial de um direito tão sagrado deve ser severamente punido, não apenas para servir de correção do infrator individual ou da organização criminosa, mas também para ter um efeito pedagógico natural inibidor daqueles que pretendam fazer a mesma coisa. [...]
>
> RODRIGUES, Marcelo Abelha. Liberdade de expressão e *fake news*. *Migalhas*, 15 jun. 2020. Disponível em: https://tedit.net/37lmc0. Acesso em: 15 out. 2024.

Fonte: CEREJA; VIANNA; CODENHOTO: Identidade Saraiva: Redação

No recorte 1, *liberdade* é reescriturada por expansão como um "direito tão sagrado", produzindo o sentido de um direito inviolável, limitado por normas morais e jurídicas. O pronome "aquele" individualiza o sujeito que faz uso da liberdade de expressão e o relaciona à produção ou compartilhamento de *fake news*, que passa a ser significada como crime quando ultrapassa os limites do permitido. As expressões "este uso indevido", "deve ser severamente punido", "correção do infrator" e "efeito pedagógico" articulam-se ao sintagma "direito tão sagrado", justificando a punição como forma de proteger esse direito. Na cena enunciativa, o alocutor-x fala do lugar de jurista, dirigindo-se à sociedade em geral. Além disso, a expressão

"direito tão sagrado" mobiliza um memorável religioso, remetendo ao mandamento "não mentirás", de modo que a *liberdade* é significada como um direito condicionado ao seu uso correto, produzindo o efeito de que nem todo dizer é autorizado em nome da *liberdade*.

Recorte 2

> Essa liberdade que tive na infância de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza me deu o entendimento de que eu também sou parte dela. Então, o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo. Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora.
>
> KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companha das Letras, 2022. p. 102-103.

Fonte: CEREJA; VIANNA; CODENHOTO: Identidade Saraiva: Redação

Já no recorte 2, *liberdade* é inicialmente articulada ao demonstrativo "essa" e à sequência "de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza", produzindo o sentido de que a *liberdade* consiste na experiência de conexão com a natureza. Em seguida, "essa liberdade" é reescriturada por condensação em "o primeiro presente que ganhei com essa liberdade", estabelecendo uma relação entre *liberdade* e entendimento, já que ela proporciona ao sujeito reconhecer-se como parte da natureza. Ao longo do texto, "liberdade" é novamente reescriturada por expansão por meio de expressões como "uma extensão de tudo", "ter essa experiência do sujeito coletivo", "sentir a vida nos outros seres" e "essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo". Essas reescriturações produzem um deslocamento do sentido de *liberdade* como atributo individual para *liberdade* como experiência coletiva de pertencimento, na qual o sujeito se compreende integrado aos demais seres e responsável pela transformação do mundo.

CONCLUSÕES

As análises apontam que, embora ambos os recortes abordem a *liberdade*, eles produzem sentidos distintos para esse termo. No texto de Marcelo Abelha Rodrigues, a liberdade é significada como um direito individual, condicionado por limites jurídicos e morais, cujo uso inadequado justifica a punição. Já no texto de Ailton Krenak, a *liberdade* é

construída como uma experiência coletiva de pertencimento, vinculada à conexão com a natureza, ao sujeito coletivo e à responsabilidade compartilhada. Assim, analisou-se que o livro didático não apresenta uma definição única de *liberdade*, mas coloca em circulação diferentes discursos e posições enunciativas sobre o tema, revelando a pluralidade de sentidos que constitui a significação dessa palavra.

REFERÊNCIAS

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; CODENHOTO, Christiane Damien; BARACAT, Paula. **Identidade Saraiva**: redação. São Paulo: Saraiva, 2025.

GUIMARÃES, Eduardo. **A enumeração funcionamento enunciativo e sentido**. Cadernos de Estudos Lingüísticos, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. Argumentação e argumentatividade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 9 - n. 2 - p. 271-283 - jul./dez. 2013

SILVA, Adilson Ventura. **Sentidos da palavra amor em um soneto de Camões**. Entremeios: revista de estudos do discurso. n.8, jan. 2014

SILVA, Adilson Ventura. V. **O sentido da palavra poesia nas ciências da linguagem**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, SP, 2012.